UMA INTRODUÇÃO AO MARXISMO: FUNDAMENTOS SOCIO-FILOSÓFICOS E HISTÓRICOS DE UMA TEORIA CRÍTICO-SOCIAL REVOLUCIONÁRIA[1]

Francisco Glauber de Oliveira Paulino[1]; Frederico Jorge Ferreira Costa[2]
Maria Núbia de Araújo[3]; Raquel Dias Araujo[4] ; Nivaldo da Rocha Baia Junior[5]

[1]Mestre em Educação pela Universidade Estadual do Ceará (UECE) e professor da área de Currículo e Estudos Aplicados ao Ensino e Aprendizagem junto ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE), *campus* Crateús. E-mail: glauber.oliveira@ifce.edu.br.
[2]Doutor em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e professor do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE-UECE). E-mail: frederico.costa@uece.br.
[3]Doutora em Educação pela Universidade Estadual do Ceará (UECE) e professora da Rede municipal de Ensino de Caucaia-CE (SME-Caucaia). E-mail: mna.nubia@gmail.com.
[4]Doutora em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e professora do Centro de Educação da Universidade Estadual do Ceará (CED-UECE). E-mail: raqueldias69@gmail.com.
[5]Mestrando em Educação Física pelo ProEF IFCE-Caucaia e professor da Rede Municipal de Fortaleza-CE (SME-Fortaleza). E-mail: nivaldo.rocha@educacao.fortaleza.ce.gov.br.

Resumo
O texto em tela é de natureza teórico-bibliográfica e tem por objetivo discutir aspectos do marxismo, particularmente sobre a sua dimensão teórico-filosófica e histórica autoconstitutiva e a proposta de formação crítica-propositiva voltada aos interesses da classe trabalhadora, à luz de algumas das obras clássicas do marxismo mais importantes. A reflexão sobre o caráter teórico-filosófico e formativo deste complexo e a sua relação com a sociedade remete à necessidade de conhecermos as formas de determinações históricas, filosóficas e práticas derivadas das relações sociais que configuram a própria existência humana. Ao problematizar a leitura marxista da realidade objetiva junto à defesa de uma formação humana crítica-propositiva, consideramos o marxismo como complexo teórico-filosófico, método e prática que se manifesta em uma compreensão formação humana, as qual é produzida historicamente em meio a relações sociais concretas. Excetuando os seus elementos pré e pós-textuais, o texto está estruturado em quatro momentos autoconstitutivos: primeiro trazemos à lume uma rapsódia acerca do que iremos discutir; no segundo momento apresentamos o nosso referencial teórico; no terceiro momento apresentamos uma síntese introdutória ao marxismo; e, por último, arrematamos o texto destacando os seus principais elementos. Como resultado desta pesquisa bibliográfica, compreendemos que esta perspectiva teórico-metodológica oferece ferramentas importantes para a defesa de uma formação humana omnilateral, visando superar a reprodução social e material de hoje, bem como o papel histórico da classe trabalhadora dentro do processo produtivo, reprodutivo e na contestação das relações sociais da sociedade capitalista afluente, ao propor uma formação humana omnilateral.
Palavras-chave: Marxismo. Formação humana. Consciência de classe.

[1] O presente texto é uma versão reduzida de um texto que foi publicado na íntegra no v. 22, n. 4, pp. 01-24 na *Revista Caderno Pedagógico*, em fevereiro de 2025. Para o presente artigo, foram realizadas algumas supressões de parágrafos e modificações de edição que foram exigidos para esta publicação, bem como alguns acréscimos conceituais, mas nada que comprometesse o conteúdo original texto.

Introdução

Nesta análise retomaremos o aporte teórico-filosófico e prático elaborado pelos alemães Karl Marx e Friedrich Engels a fim de averiguar em que medida o marxismo pode, efetivamente, iluminar a tarefa de articulação do processo humano-formativo aos interesses da classe trabalhadora.

Assim sendo, nosso objetivo neste artigo, em particular, é identificar os pressupostos mais básicos que fundamentam o marxismo e a compreensão de formação humana que lhe compete, o que é essencial para estabelecer as coordenadas teórico-metodológicas do estudo multifacetado dos nexos entre formação e emancipação humana, reconhecendo, assim, uma identidade ontológica à abordagem realizada em nossa escrita. Com essa finalidade, este estudo desdobra-se em dois momentos autoconstitutivos.

No primeiro momento, demonstramos a natureza ontológica da obra conjunta de Karl Marx e Friedrich Engels, o marxismo. Depois, delimitamos de forma sintética os contornos mais gerais deste complexo teórico-filosófico e prático que se encontra a serviço dos interesses da classe trabalhadora.

O percurso analítico objetiva discutir os aspectos do marxismo como teoria e a proposta de uma formação humana verdadeiramente crítico-propositiva e voltada aos interesses da classe trabalhadora. Para tanto, sistematizamos a discussão em dois eixos autoconstitutivos, tendo em vista contribuir para responder parte das questões levantadas sobre o assunto ora discutido e refletir sobre a importância do marxismo e de sua proposição educacional dentro de sua dimensão histórica.

Referencial teórico

O escrutínio em tela visa apresentar ao leitor uma investigação pautada no materialismo histórico-dialético, o qual, grosso modo, pode ser resumido em três pontos elementares. Segundo Kosik (1976, p. 31), o método dialético-investigativo marxiano-marxista compreende três graus:

> 1) **minuciosa apropriação da matéria**, **pleno domínio do material**, nele incluídos todos os detalhes históricos aplicáveis, disponíveis;
> 2) **análise de cada forma de desenvolvimento do próprio material**;
> 3) **investigação da coerência interna**, isto é, determinação da unidade das várias formas de desenvolvimento. (Negritos nossos)

De acordo com o autor sobredito, sem "o pleno domínio de tal método de *investigação*, qualquer dialética não passa de especulação vazia" (Kosik (1976, p. 31).

Assim sendo, escolhemos como perspectiva teórico-metodológica de Karl Marx e Friedrich Engels para fundamentar a investigação, haja vista o fato de que eles vislumbraram em sua filosofia práxica elementos para subsidiar teoricamente o proletariado com o conhecimento da sociedade, da economia e do modo de produção capitalista ao ponto de contribuir no processo de transformação de uma classe *em si* à classe *para si* (Marx; Engels, 2007).

Ao elaborarem essa filosofia, visavam apresentar à classe trabalhadora um processo de transformação capaz de reestruturar o proletariado da forma passiva (*em si*) a uma classe consciente do seu papel revolucionário na sociedade, sendo assim, capaz de lançar-se na luta pela sua emancipação (*para si*). Logo, a inventividade do método investigativo marxiano, cuja análise parte do momento mais desenvolvido de determinado objeto em estudo para examinar a sua gênese e, após esse processo de apreensão da origem, é possível retornar ao seu ponto de partida, como uma síntese de múltiplas determinações.

Uma introdução ao marxismo

Antes que se diga alguma coisa ou que se interponha uma inferência qualquer acerca do marxismo – ou dos marxismos, como veremos logo mais – duas observações são pertinentes à sua qualificação, as quais serão apresentadas a seguir.

A primeira observação trata-se do termo "marxismo" como uma espécie de dúplice junção entre dois radicais (*marx* + *ismo*), do substantivo próprio "Marx" (nome comumente simplificado de Karl Marx) junto ao sufixo nominal formador de termos que designam conceitos de ordem geral, "ismo". Essa expressão, talvez, fosse mais fidedigna à sua constituição ao ter sido traduzida ao termo se fosse redigida *marx-engelismo*, pois da forma que ela se consagrou, *marxismo*, oculta a participação do grande parceiro intelectual de Karl Marx, Friedrich Engels, ao mesmo tempo em que, valoriza a atuação de Marx na sistematização de um dos complexos teóricos mais importantes já criados.

A esse respeito, o primeiro biógrafo de Friedrich Engels, o jornalista e historiador alemão Gustav Mayer (1871-1948), teceu algumas palavras para chamar a nossa atenção logo no prefácio de seu livro, publicado originalmente em 1932, *Friedrich Engels: uma biografia*. Mayer (2020, p. 25) diz que o marxismo "se desenvolveu a partir do trabalho conjunto de dois homens. Contudo, como regra, apenas um dos dois é lembrado: aquele que lhe deu nome".

Mesmo cientes de que a palavra *marxismo* não contempla tudo que deveria – no caso, do acrônimo de Marx e Engels – manteremos, como regra, a grafia clássica em nossa escrita.

Desde o momento em que veio a público, o trabalho marx-engelsiano foi objeto de calorosa recepção e de repulsa entre acadêmicos e estudiosos situados nos mais diversos espaços do espectro teórico, filosófico e político – acolhida e ojeriza esta que tem resistido ao passar do tempo. Assim, dada a grandeza de sua riqueza, resta-nos apenas nos determos em alguns de seus contornos e aspectos mais fundamentais – aspectos os quais que, decerto, merecem uma atenção bem menos epidérmica do que a que lhe dedicamos neste momento em específico.

Isso posto, ei-lo, o marxismo, muito sumariamente: no plano mais geral e abstrato, o marxismo, enquanto visão de mundo e escola de pensamento, é fruto dos estudos e da fecundidade das ações políticas de Karl Marx e Friedrich Engels, dois humanistas atentos e sensíveis às sutilezas e complexidade que compõem a vida humana na modernidade que sistematizaram o seu pensamento em um verdadeiro monumento literário. Trata-se, pois, de um complexo unitário de pensamento humano já elaborado extremamente complexo – e ao arrepio de muitos, de uma ciência, o *materialismo-dialético*[2].

A propósito dessa questão, o materialismo-dialético enquanto *Ciência*, antes de definirmos o marxismo, em seus traços mais gerais, abriremos um parêntese para apresentarmos alguns dos elementos que o constituem enquanto *Ciência*. O objetivo, agora, visto estarmos impossibilitados de exaurir o tema em discussão, será refletir sobre alguns elementos constitutivos da teoria dialético-materialista, mesmo que de forma açodada, com base em uma apresentação de sete pontos que destacamos na obra "Fundamentos lógicos da ciência", de Pavel Kopnin (1978; 1972). Organizamos estes sete pontos no quadro síntese 1, o qual se segue logo à frente.

Quadro 1 – Elementos distintivos do materialismo-dialético marx-engelsiano e constitutivos de sua da concepção dialética de ciência

Ordem	Elementos distintivos da dialética-materialista
1	O materialismo-dialético, diferente da *Metafísica*, do *Positivismo* e correntes assemelhadas, trabalha as questões filosóficas com o objeto próprio da filosofia, o pensamento, não separando o método de raciocínio das leis do movimento dos fenômenos do mundo objetivo.
2	O materialismo histórico-dialético não compreende a captação das leis da realidade objetiva fora da sintetização dos resultados de ramos variados da *Ciência*.

[2] Os conceitos e terminologias para se referir do marxismo são diversas, depende dos autores ou correntes que sejam adotas, também podemos encontrar essa expressão traduzida em outras formas e grafias, entre as mais comuns estão, *Materialismo histórico-dialético*, *Materialismo Histórico-Dialético*, *Filosofia da práxis*, *Dialética-materialista* e *Concepção materialista da história*.

3	A dialética-materialista da história não concebe o seu desenvolvimento sem a sintetização dos dados científicos objetivos sobre a natureza e a sociedade; não desliga o seu conhecimento do científico, muito pelo contrário, o introduz neste – por esta razão é um momento essencial para esta filosofia o cotejo e a análise de distintas esferas do conhecimento, como a *História*, a *Política*, a *Filosofia*, a *Economia* e temas afins no desenvolvimento de suas principais hipóteses e de ideias.
4	O materialismo-dialético, mesmo dissecando o objeto ao longo do processo de análise, conserva o seu objeto ao final do processo de análise, por superação, diferente dos ramos especiais do conhecimento, que seccionam os seus respectivos objetos e não os recompõem ao final de tudo, perdendo-se nos fragmentos da totalidade. Para esta concepção de ciência, o objeto em estudo é o próprio estudo das leis gerais do movimento dos fenômenos do mundo objetivo, para cujo descobrimento é insuficiente a experiência empírica e individual e a explanação de dados de uma esfera única do conhecimento científico, pois compreende que é indispensável um conjunto de toda a experiência do conhecimento sistematizado e da atividade prática do homem para se alcançar a objetividade concreta.
5	Todas as categorias do materialismo-dialético, começando pela matéria, compreendem a solução do problema da atitude do pensamento para com o ser. Para esta filosofia, o conceito de matéria é a primeira definição concreta do ser, pois a compreende, em realidade, como sendo uma realidade objetiva, que existe por si só, independentemente da consciência humana, estando implícita a sua primeira definição essencial, sem a qual é impossível avançar na doutrina da matéria.
6	No materialismo-dialético a atitude do pensamento frente ao ser é o ponto de partida de todas as categorias filosóficas.
7	Trata-se de uma fusão de duas partes constitutivas do todo, a primeira é a ontologia – a doutrina da matéria, de suas formas de existência e leis do movimento, e a segunda, é a gnosiologia – é a doutrina do conhecimento.

Fonte: Elaborado pelos autores (2026). Adaptado de Kopnin (1978; 1972).

Todo este complexo teórico, filosófico e prático que compõe o marxismo, via de regra, na leitura da realidade humano-social, opera *na* e *por* contradição, considerando seus pares de oposição. À guisa de ilustração do que afirmamos por último, podemos lançar mão *n'o Capital* de Marx e Engels, pois esta obra clássica do marxismo é metodologicamente constituída sobre a distinção entre falsa consciência e compreensão real da realidade objetiva, de tal modo que as principais categorias apresentadas pelos seus autores se apresentam em pares dialéticos. Uma boa exemplificação disso é apresentada de forma simplificada por Kosik (1972).

Diante do exposto, o quadro síntese 2, que se segue logo à frente, visa lançar um pouco de luz na apresentação deste problema pelo intelectual tcheco mencionado por último.

Quadro 2 – Principais pares de categorias dialético-contraditórias presentes n'o Capital

Categorias dialético-contraditórias d'o Capital	
Categorias afirmativas	**Categorias contra-afirmativas**
Essência	*Fenômeno*
Mundo real	*Mundo da aparência*
Lei geral dos fenômenos	*Aparência externa dos fenômenos*
Existência positiva	*Experiência negativa*
Movimento real interno	*Movimento visível externo*
Conceito	*Representação*
Ciência	*Teoria*
Consciência real	*Falsa consciência*

Fonte: Elaborado pelos autores (2026). Adaptado de Kosik (1976) e Kopnin (1978; 1972).

Em suma, a concepção materialista da história, como podemos depurar do quadro sobreposto, não se difunde como algo criado antecipadamente para o ser e o conhecimento, mas ela mesma se apresenta enquanto teoria do ser e do conhecimento. Provavelmente, a sua peculiaridade derradeira resida justamente no fato de que essa concepção, ao mesmo tempo em que se apropria do complexo de leis imanentes da existência, incorporando-as por superação, e não por exclusão, cria novas leis e categorias que são simultaneamente formas de ser, pensar e agir expressas tanto nos aspectos da ontologia como da gnosiologia.

Sobre a discussão do marxismo, Paulo Netto (2006), em seu livro *O que é marxismo*, afirma-nos que não existe algo que possa ser compreendido como um marxismo puro e imaculado (*o marxismo*), mas, na verdade, o que existe, de fato, são vertentes de compreensão diferenciadas de uma larga tradição teórico-política (*marxismo* ou *marxismos*).

Segundo Paulo Netto (2006), em linhas gerais, o *marxismo* composto por *marxismos* pode ser apreendido dentro de três grandes plêiades autoconstitutivas: a dos *marxólogos*, grupo composto por intelectuais que dissecam a vida de Marx e o conjunto da sua obra como objetos de um passado remoto; a dos *marxizantes*, círculo de intelectuais que retiram da vida de Marx e de sua obra o que lhes convém – quando é conveniente, claro!, de tal modo que optam de forma intencional por realizarem uma leitura heterodoxa, tanto da obra quanto do autor, que acaba por harmonizar o complexo filosófico marxiano com pensamentos dissonantes e filosofias incompatíveis; e os *marxistas acadêmicos*, ordem ampla de intelectuais que, cada um a seu modo, realizam leituras dogmáticas, heterodoxas e/ou ortodoxas de Marx e de sua obra e que ganham notoriedade e prestígio acadêmico exatamente por defenderem a existência de um só marxismo correto – o deles, por óbvio! – em detrimento das outras leituras que eles julgam incorretas.

Já Berman (2001), ao tratar do assunto, em sua obra “Aventuras no marxismo”, resume essa questão afirmando que o marxismo se desenvolve movimentando-se em círculos elípticos enquanto, em um movimento extremamente complexo e dialético, avança em movimentos espiralares, precipitando-se ora em uma direção, ora em outra, dando voltas que se ampliam cada vez mais do seu centro em torno de si mesmo na busca incessante de novos eixos de rotação.

A compreensão de Kopnin (1978; 1972), de Paulo Netto (2006), bem como a de Berman (2001), mesmo sem menções a Antonio Gramsci (1991), acabam reafirmando o que o marxista sardo já havia afirmado anos antes. Conforme o autor italiano mencionado por

último, o marxismo não é uma teoria pronta e acabada, pois ainda está em pleno processo de formação, na luta pela hegemonia cultural e política, e por esta razão todo e qualquer esforço no sentido de dar-lhe uma forma sistemática definitiva acaba se revelando prematura, incompleta. Essa compreensão é repetida inúmeras vezes no decorrer dos séculos XIX e XX e ampliada pelos seus entusiastas, como Vladímir Lênin, em "As três fontes e as três partes constitutivas do marxismo", e Florestan Fernandes, em "Marx, Engels e Lenin: a história em processo", por exemplo.

O marxismo não é apenas um movimento do pensamento, limitado a pequenos grupos intelectualizados, mas, isto sim, a filosofia da classe trabalhadora, a ideologia que organiza essa classe para a conquista do consenso, e ao exercício da hegemonia; é uma concepção atuante no mundo, com uma moral e ética que lhe são adequadas. Esse complexo teórico se apresenta a nós enquanto uma concepção autossuficiente do mundo, não necessitando de qualquer filosofia tradicional ou heteróclita para servir-lhe de aporte teórico-filosófico– algo bem comum nas obscuridades presentes em teorias pseudoemancipadoras, pseudoprofundas ou pseudocientíficas, como o *pós-modernismo*.

O marxismo, afirma Gramsci (1991, p. 57), "é o 'materialismo' aperfeiçoado pelo trabalho da própria filosofia especulativa e fundido com o humanismo" (grifos do original). Trata-se, pois, com efeito, de um complexo teórico-prático, filosófico e estético signatário dos grandes enciclopedistas do *Humanismo* (Francesco Petarca, Giovanni Bocaccio e Erasmo de Roterdã, entre outros), do *Iluminismo Cosmopolita* (Giambattista Vico, M. de Voltaire e Montesquieu), e da *Filosofia Racionalista* (Galileu Galilei, René Descartes e Baruch Spinoza), assim como dos *grandes romances* (Miguel de Cervantes, Honoré de Balzac e Alexandre Dumas), da *alta poesia* (Dante Alighieri, Robert Burns e Johann W. Goethe) e da *grande literatura* (Ésquilo e William Shakespeare) e, *pari passu*, uma resposta plausível ao surgimento do modo de produção capitalista, que busca radicalizar as potências do proletariado em direção à emancipação humana (Lafargue, 2019; Mandel, 2023).

Dessas três grandes correntes de pensamento, dessa apropriação dos maiores construtos da humanidade e das contradições advindas da sociedade capitalista, o marxismo surge como um rebento de uma síntese quádrupla, cujo enunciado é oferecido por Mandel (2023, p. 37) da seguinte maneira:

- Síntese entre as principais ciências sociais;
- Síntese entre as ciências sociais e o projeto de emancipação da humanidade;

- Síntese entre o projeto de emancipação humana e o movimento real de auto-organização e autoemancipação do proletariado moderno;
- Síntese entre esse movimento operário real e a ação e organização política revolucionárias.

Na mesma direção, e com a mesma energia, Lombardi (2011, p. 69), em estudo muito bem documentado, afirma que a obra de Marx e Engels, o marxismo, configura:

> um projeto de humanidade que aposta na razão e na ciência como caminho para alcançar a verdade; na possibilidade do progresso dos meios de produção, que produzirá, por sua vez, o progresso da humanidade, das relações dos homens entre si; na competência dos homens para autogerir suas vidas em coletividade, em conformidade com condições históricas que encontram legadas pelo passado, superando todas as formas de escravidão.

Assim como a reflexão apresentada por Lombardi (2011), baseiam-se em uma visão crítica e de conjunto da sociedade capitalista e da História, levando-se em conta os seus limites, contradições e potencialidades em seus sucessivos modos de produção e de reprodução e das lutas e resistências por parte da classe trabalhadora. Em suma, essas quatro sínteses expostas foram também apresentadas por Mandel (2023), todas amparadas no materialismo histórico, na categoria da totalidade e no método marxiano.

No plano prático-filosófico e material, o marxismo surge em termo corrente como uma pecha a ser lançada contra adversários políticos, balda esta que, como podemos conferir em Paulo Netto (2020, p. 462), o próprio Marx não quis para si mesmo, pois ao ser notificado pelo seu genro, o ativista socialista Paul Lafargue (1842-1911), que estavam chamando-lhe de marxista, ao mesmo tempo em que dava um soco na mesa que se encontrava sentado, Marx vociferou "*Tout ce que je sais, c'est que je ne suis pas marxiste*" [Tudo o que sei é que não sou marxista], e com o passar dos anos veio agregando por intermédio de prismas e vieses de autores diversos novos significados e valores.

A expressão "marxismo" surgiu durante a Primeira Internacional, em 1864, onde, de acordo com Frederico (2007, p. 443) "os partidários de Bakunin criticaram os adversários do anarquismo chamando-os de **marxistas**, e estes aceitaram o rótulo sem ter uma ideia muito clara de seu significado" (grifos do original).

Anos à frente, em consequência a vitória da Revolução Bolchevique de outubro de 1917, o marxismo perdeu o tom jocoso e veio a se tornar uma ideologia de Estado respeitada, amplamente difundida nos manuais impressos na União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) e temida pelos capitalistas. Após esse primeiro momento, é listo que se diga que, à revelia de Lênin (1920), marxismo ganhou uma adjetivação e virou *marxismo-leninismo*, uma

espécie de doutrina materialista-mecanicista e determinista-logicista que acabou por simplificar o legado de Marx e Engels como, também, um coquetel arbitrário das ideias marxianas-marxistas, em que encontramos citações contrabandeadas de textos de Marx, Engels e de Lênin e apresentadas fora de seus contextos originais. Esse desvirtuamento do marxismo granjeou as condições necessárias à consolidação da escolástica stalinista. A respeito disso, alerta Frederico (2007, p. 44):

> A publicação tardia de diversas obras de Marx, a partir da década de 1930 [como foi o caso do livro *A Ideologia alemã*], encontrou já pronta essa versão caricata do marxismo e um clima político hostil ao debate de ideias. Assim, as obras ricas, heterogêneas e tão diversas entre si de Marx, Engels e Lenin foram padronizadas e homogeneizadas num sistema fechado escolástico. O que em Marx era *crítica* da economia política se transformou em *ideologia* estatal e parte integrante de uma *doutrina* monolítica. Para o bem e para o mal, essa versão escolástica passou a orientar a atividade política da esquerda em todo o mundo. (Acréscimos nossos e itálicos do original).

Exorcizando o marxismo de sua antípoda, a escolástica stalinista, e recuperando a sua vivacidade dialética, trazendo desse modo os seus pés de volta ao chão, em paralelo ao *marxismo-leninismo*, intelectuais de grande representatividade no campo das ideias marxistas (Antonio Gramsci, Karl Korsch e György Lukács) sistematizaram as suas ideias no que ficou conhecido como *marxismo ocidental*.

Também contrário à compreensão economicista e à domesticação de Marx por parte da intelectualidade da Segunda Internacional, o *marxismo ocidental* compreende a teoria marxiana-marxista como sendo uma expressão geral da luta de classes, uma filosofia da ação a serviço da classe trabalhadora, um método dialético capaz de conduzir a unidade entre sujeito e objeto por meio da superação de antinomias e destinada a superar a divisão entre teoria e prática e as contradições das duas classes fundamentais: o proletariado e a burguesia.

Seguindo esse fluxo caudaloso, encontraremos diversas outras vertentes e filiações. Destas, podemos destacar as cinco perspectivas de maior notoriedade e importância que tomaram forma à luz do *marxismo ocidental*, a saber: 1) o pensamento da Escola de Frankfurt (Theodor Adorno e Max Horkheimer), a *Teoria Crítica*. Esta vertente do marxismo deu uma maior importância às questões culturais que as primeiras; 2) pensada por Della Volpe e Lucio Colletti, a *dialética científica*. Essa teoria deu contornos empiristas ao materialismo, aproximando-o da visão positivista, suprimindo, por sua de vez, a dialética; 3) o *marxismo estruturalista*, de Louis Althusser. Tal leitura do marxismo secciona o pensamento de Marx em duas partes, a de juventude e a de maturidade, negando, desse modo, a totalidade do autor e flertando com o positivismo; 4) o *marxismo analítico*, formulado inicialmente por Gerald

Gohen. Essa curvatura de pensamento rejeita o método marxiano e passa a privilegiar o individualismo metodológico e uma racionalidade técnica desligada das determinações sociais; 5) o *materialismo cultural*, sistematizado por Raymond Williams. Embora muito promissora, tendo logrado bom êxito na superação da *hegelianização* e da influência estruturalista do marxismo, essa tendência, para ser deglutida pelo capital, acabou sendo esquartejada e tornando-se uma eclética combinação de sociologia, antropologia, história etc. (Frederico, 2007).

Além dos marxismos já mencionados, Michael Löwy, em seu livro *A jaula de aço: Max Weber e o marxismo weberiano*, nos apresenta uma outra perspectiva bem interessante do marxismo, o *marxismo weberiano*, e que merece um pouco de nossa atenção. Segundo Löwy (2025), embora Max Weber não fosse um marxista, estava longe de ser um antimaterialista, deixando de forma implícita em algumas passagens de sua obra, seu reconhecimento acerca da primazia das transformações econômicas sobre as transformações socioculturais, embora, com isso, não buscasse uma interpretação de base material, mas sim congruente entre tais esferas, a material e a cultural.

Outro ponto comum evidenciado por Löwy (2025), possível de ser pensado a partir da respectiva leitura das obras máximas de Marx e Weber – *O Capital* e *A ética protestante e o espírito do capitalismo* – diz respeito à crítica ao capitalismo. Segundo o autor, Marx e Weber perceberiam o sistema capitalista através de um prisma fundamentalmente negativo em que a quantificação da vida social, a exploração do trabalho, a desigualdade das riquezas, a reificação e a submissão ao mercado seriam imperativos.

Löwy (2025) nos apresenta como sendo *marxistas weberianos* nomes extremamente importantes do marxismo. A saber, em âmbito internacional, os alemães Ernst Bloch, Walter Benjamin e Erich Fromm, o húngaro György Lukács, por exemplo; e no campo nacional brasileiro, Florestan Fernandes, Maurício Tragtenberg, Francisco Weffort entre tantos outros.

As concepções marxistas aqui apresentadas são as que julgamos mais importantes de se mencionar. Contudo, além dessas, podemos encontrar muitas outras, mas que não trataremos delas, pois, em pequena ou em grande medida, para o bem ou para o mal, tratam-se de combinações e filiações de características de uma ou mais das feições do marxismo aqui referidas que foram se ramificando em diversos espaços e se amalgamando a outras concepções, inclusive com teorias antagônicas ao marxismo.

Conclusão

A reflexão sobre o caráter teórico-filosófico e formativo do marxismo e da sua relação com a sociedade remete à necessidade de conhecermos as formas de determinações históricas, filosóficas e práticas derivadas das relações sociais que configuram a própria existência humana.

Nesse sentido, problematizamos a leitura marxista da realidade objetiva e identificamos a sua proposta de formação humana omnilateral (integral, socialmente referenciada e crítico-emancipatória). Para tanto, consideramos que os fundamentos do método dialético e da compreensão ampla de formação humana se materializam a fim de que possamos compreender os aspectos históricos da formação humana, bem como o acesso ao conhecimento das forças produtivas e das formas de produção em meio a relações sociais concretas.

A apropriação das coordenadas teórico-metodológicas da dialética nos permite estabelecer as conexões íntimas que dão sentido a um percurso formativo e criativo que visa à transformação da sociedade de classes, de modo a construir novas bases para a formação dos indivíduos, superando a correlação de forças sociais que determinam as desigualdades e o antagonismo entre as classes sociais. Assim, o acesso para a classe trabalhadora do conhecimento acumulado historicamente é uma possibilidade de entender em que condições de superação desta ordem social se configuram para uma transformação histórica

Entre as considerações finais, destacamos que a síntese realizada, com os resultados obtidos nesta pesquisa, poderá auxiliar na compreensão da sociedade e dos estudos que visem refletir e demonstrar as contribuições marxianas e marxistas para o desenvolvimento de uma formação humanista.

Esse estudo, de caráter exploratório, configura-se numa introdução ao materialismo histórico-dialético, consideramos que se faz necessário retomar esse debate para um melhor aprofundamento do marxismo enquanto teoria da práxis social.

Referências bibliográficas

BERMAN, Marshall. **Aventuras no marxismo**. Tradução de Sonia Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

FREDERICO, Celso. Marxismo. *In*: WILLIAMS, Raymond. **Palavras-chave**: um vocabulário de cultura e sociedade. Tradução de Sandra Guardini Vasconcelos. São Paulo: Boitempo, 2007. Apêndice 10, p. 443-447.

GRAMSCI, Antonio. **Concepção dialética da história**. 9. ed. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

KOPNIN, Pavel Vasilyevich. **Fundamentos lógicos da ciência**. Tradução de Paulo Azevedo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972. (Coleção perspectivas do homem)

KOPNIN, Pavel Vasilyevich. **A dialética como lógica e teoria do conhecimento**. Tradução de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 1978. (Coleção perspectivas do homem)

KOSIK, Karel. **Dialética do concreto**. Tradução de Célia Neves e Alderico Toríbio. 2. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976.

LAFARGUE, Paul. Recordações pessoais sobre Karl Marx (1890). *In*: ALBERT, André (org.). **Marx pelos marxistas**. Tradução de Claudio Cardinali *et al.* São Paulo: Boitempo, 2019. cap. 5, p. 73-88.

LOMBARDI, José Claudinei. Educação e ensino em Marx e Engels. **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, Londrina, v. 2, n. 2, p. 20-42, ago. 2010. Disponível em: https://doi.org/10.9771/gmed.v2i2.9581. Acesso em: 26 jan. 2025.

Löwy, Michael. **A jaula de aço**: Max Weber e o marxismo weberiano. Tradução de Mariana Echalar. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2025.

MANDEL, Ernest. **Marxismo**: uma introdução. São Paulo: Usina Editorial, 2023.

MARX, Karl. ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas (1845-1846). Tradução de Rubens Enderle, Nélio Schneider, Luciano Cavini Martorano. São Paulo: Boitempo, 2007.

MAYER, Gustav. **Friedrich Engels**: uma biografia. Tradução de Pedro Davoglio. São Paulo: Boitempo, 2020.

PAULO NETTO, José. **O que é marxismo**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

PAULO NETTO, José. **Karl Marx**: uma biografia. São Paulo: Boitempo, 2020.